

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## OS RAPAZES ESFORÇADOS DA BARRA FUNDA E O ENGRANDECIMENTO “DOS NOSSOS”: APROXIMAÇÕES ENTRE CARNAVAL E IMPRENSA NEGRA EM SÃO PAULO NOS ANOS 1920

Renata Monteiro Siqueira  
Doutoranda pela FAU-USP  
renata.siqueira@usp.br

### Resumo

Estudos sobre o pós-abolição em São Paulo tendem a observar a “cultura negra” e o “ativismo racial” lado a lado, mas raramente são exploradas as articulações entre eles. De um lado, interpreta-se o samba e carnaval como expressões de uma “resistência cultural” que desestabilizava a ordem social estabelecida. O bairro da Barra Funda, considerado o “berço” de ambas as manifestações na capital paulista, ocupa uma posição destacada nessa narrativa. De outro, a Imprensa Negra congregou um projeto político de combate à discriminação racial. Colocando em diálogo o carnaval da Barra Funda e a Imprensa Negra na década de 1920, este trabalho explora nuances que o corte entre “resistência cultural” e “política de integração social” tende a obliterar. Para tanto, analisei edições de jornais negros, através do Portal Imprensa Negra Paulista da USP e da Hemeroteca Digital Brasileira. Observando discursos sobre o carnaval nos meios impressos, incursões de carnavalescos no jornalismo e outros diálogos travados entre essas esferas agenciamento da negritude, identifiquei mais afinidades que divergências. Os encontros entre Carnaval e Imprensa Negra permitiram expressar os anseios de um grupo que postulava plantar e colher as vantagens do “progresso”, prometidas a todos, mas reservadas a poucos.

Palavras-chave: Territórios Negros; Cordões carnavalescos; Imprensa Negra Paulista

Possivelmente, está no *Clarim da Alvorada*<sup>1</sup> um dos primeiros esforços em traçar a história do carnaval paulistano. Um artigo intitulado “A origem dos Grupos Carnavalescos em S. Paulo e sua evolução” indicava que o carnaval de São Paulo nascera na Barra Funda, quando, em 1914, “rapazes como Dyonizio Barboza, Victor de Souza, Luiz Barbosa, já movidos por ideias carnavalescas, deram a primeira iniciativa a um pequeno grupo”. Tratava-se do “Grupo da Barra Funda” que fizera “vibrar na paulicéa as mais altas ovações”. Dionísio Barbosa, chefe geral, criara e dirigia, com o Sr. Jorge Raphael – “esforçado director” – um grupo infantil. As amadoras, “braço

---

<sup>1</sup> Doravante referido como *Clarim...*, o jornal, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar, circulou entre 1924 e 1933, com mais uma edição isolada em 1940. Esse foi o periódico mais duradouro da Imprensa Negra Paulista até 1937.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

direito” do grupo davam, “conforme suas forças legaes [...] as mais bellas provas carnavalescas e as mais distinctas festas desta sociedade empregando todos os seus esforços”. Pouco depois, surgiu o “Campos Elyseos, que então tomou sérias proporções” e, em seguida, formaram-se outros grupos como “Nova Aliança, Lyra da Madrugada – um de nossos admiradores”.<sup>2</sup> Insistindo nos esforços de dirigentes e integrantes, na beleza de suas apresentações e nos aplausos que recebiam, as “grandes realizações” dos carnavalescos negros estavam alinhadas com os valores defendidos naquele jornal, anunciados em sua primeira edição:

*Estamos num período de progresso por excellência. Em todos os recantos vê-se ressoar essas palavras bellas: - Progresso, Indústria, Commercio e Intellectualidade. Esta sendo sempre a primeira em perspectiva. [...] Em tudo se progride, uma politica excellente, sciencias, artes, pedagogias, filosofias varias. Quaes os que se dedicam e progridem nesses rumos e que dominam, sobresaando sempre com tanta altiloquencia? Eis o ponto fraco que parece existir entre nós... porém espero merecer de vos caros leitores e amigos a coadjuvação de irmãos verdadeiros, brasileiros de facto - afim de cooperarmos para os fins que nos eleva e que nos fará grande para o futuro.<sup>3</sup>*

Numerosa e diversificada, a Imprensa Negra Paulista expressou os anseios de uma coletividade que, embora heterogênea, compartilhava a experiência cotidiana da discriminação racial e da exclusão.<sup>4</sup> Entre 1915 e 1937, quando a ditadura varguista fechou as redações de todos os jornais negros, publicações vinculadas ou não a sociedades recreativas ou literárias – cordões carnavalescos entre essas – denunciaram o preconceito de cor e se empenharam na valorização dos negros de São Paulo. Nesse período, vicejou um projeto em defesa da união entre negros de todas as tonalidades de cor da pele, visando sua inserção social em igualdade com os brancos.

---

<sup>2</sup> “A ORIGEM dos Grupos Carnavalescos em S. Paulo e sua evolução”. *Clarim da Alvorada*. São Paulo 05/02/1928, p. 4.

<sup>3</sup> “EMITEMOL-OS”. *O Clarim*. São Paulo, 06/01/1924, p. 2-3.

<sup>4</sup> Há uma vasta bibliografia sobre a Imprensa Negra Paulista. Ver, entre outros, Bastide (1951); Ferrara (1983); Silva (1990); Andrews (1991); Pinto (2013); Butler (1998); Domingues (2008); Carvalho (2009); Alberto (2011).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma das principais estratégias da luta antirracista desse período seria, como indica o excerto acima, reivindicar-se como “verdadeiro brasileiro” e “verdadeiro paulista”, demandando que a igualdade formal, conquistada em 1888, se traduzisse em igualdade de fato. Essa era, também, uma resposta às desvantagens em que se via a população negra paulistana face aos imigrantes europeus no pós-abolição (HASENBALG, 1979). Além de denunciar casos de discriminação racial que contrariavam a suposta harmonia racial brasileira (ALBERTO, 2011), o cerne da mobilização negra desse período visava o próprio negro – seu “melhoramento” ou sua “elevação”. Combatia-se, assim, os estigmas que recaíam sobre o grupo, como o alcoolismo, a ignorância, a irracionalidade, a preguiça e a criminalidade. Os “vícios”, considerados fatores de degradação moral e física, eram reiteradamente condenados.<sup>5</sup> Era necessário cultivar bons modos e boa apresentação, assim como investir na educação e na assistência social. Era preciso ser trabalhador e poupar economias para alcançar melhores posições no meio social. Esses militantes almejavam, com isso, demonstrar que eram perfeitamente capazes e alinhados com as aspirações do “povo paulista” (ALBERTO, 2011; BUTLER, 1998).

Essa perspectiva foi, com frequência, identificada com uma pequena fração dos negros de São Paulo, pertencentes aos estratos baixos da classe média, com acesso à instrução formal e aspirantes à ascensão social. Lateral, “alternativa”, dissociada dos esforços coletivos em prol da igualdade entre negros e brancos, corre a história das manifestações culturais hoje significadas por sua matriz “afro”. Essas incluem as festas informais de samba realizadas por negros pobres nos espaços públicos ou nos pátios e porões das habitações coletivas em que viveriam as “tias”, matriarcas negras, e suas “extensas famílias africanas”. As práticas dos cordões carnavalescos, que teriam se originado daquelas sociabilidades, são interpretados sob o mesmo ponto de vista. Disso resulta que as “resistências culturais negras” tenderam a serem consideradas como inconciliáveis com as agendas pautadas pela Imprensa Negra do mesmo período.

A separação analítica entre projetos de “integração social” e “resistência cultural”, recortada por classes sociais, remete aos estudos de Fernandes e Bastide nos

---

<sup>5</sup> A preocupação com os vícios não é uma exclusividade das organizações negras desse período, sendo também partilhada, por exemplo, por militantes anarquistas (RAGO, 2014, p. 148–155).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos 1950 e foi perpetuada em pesquisas posteriores.<sup>6</sup> Como sugere Petrônio Domingues (2019, p. 86), tal polarização faz com que se perca de vista ambivalências, alianças e alinhamentos, bem como outros dissensos que atravessaram os esforços coletivos contra a discriminação racial em São Paulo. Isso tem rebatimento nas análises das sociabilidades negras da Barra Funda, bairro que, embora abrigasse instituições negras as mais diversas, geralmente é focalizada sob o ponto de vista das “expressões culturais” negras. Os encontros entre jornalismo e carnaval na Barra Funda apontam a necessidade de se matizar a visada dicotômica sobre os agenciamentos dos negros paulistanos, entendidos como projetos de classes sociais com aspirações incompatíveis.

### **A Barra Funda nos jornais negros**

Na Imprensa Negra, a Barra Funda emerge nas páginas dedicadas aos eventos sociais realizados pelas instituições sediadas no bairro. Entre essas, destacava-se Associação Atlética São Geraldo, time negro que ganhou notoriedade, sobretudo após vencer o torneio do Centenário da Independência, em 1922 (DOMINGUES, 2018). Antes disso, porém, não apenas jogos, mas outros eventos realizados pelo time eram relatados nos jornais.<sup>7</sup> O carnaval e os eventos promovidos pelo Camisa Verde, assim como do Campos Elíseos, também eram acompanhados de perto pela Imprensa Negra Paulista desde, pelo menos, 1920 e, principalmente, a partir de 1924, ano de criação do *Clarim...*

Aliados, carnavalescos e jornalistas expressavam aquilo que eles desejavam para si e para os demais negros da cidade: seu reconhecimento como parte de uma raça moderna, ordeira, bela, instruída, católica e respeitável. Em uma palavra, por meio de suas realizações, o carnaval entre elas, esses negros almejavam o reconhecimento de seu valor enquanto “paulistas”. Descrevendo a beleza, a organização e a fidalguia dos eventos negros da Barra Funda, a Imprensa Negra apresentava negros ilustres – “lordes”, “senhores”, “rapazes”, “senhoras” e “senhorinhas” e “moças” que “engrandeciam” e “abrilhantavam” São Paulo. Constitutiva de uma narrativa maior de celebração do progresso paulistano à luz das contribuições negras, essa representação era diametralmente oposta àquela que era reservada aos negros na imprensa branca. Se

---

<sup>6</sup> Bastide & Fernandes (2008); Fernandes (2008); Britto (1986); Simson (2007); Silva (1990); Andrews (1991); Butler (1998) entre outros.

<sup>7</sup> “FESTA da A.A. São Geraldo”. *A Liberdade*, São Paulo, 09/05/1920, p.2.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nesta, “pretos” e “pardos” emergiam como negação, da “ordem social” ou da própria vida, os periódicos negros faziam a operação inversa, valorizando suas criações. Com isso, eles se reivindicavam como partícipes da “civilização” que lhes era recusada.

Em 1920, avaliando a programação do carnaval paulistano, um jornalista d’ *A Liberdade* registrava que a Barra Funda também tinha “a sua sociedade, o seu divertimento e dançar”. Em um salão na rua Brigadeiro Galvão, o repórter descreveu um animado baile, com confetes, serpentinas e lança-perfumes, além de um concurso “de gentis senhoritas e senhoras e de cavalheiros do bairro”. O ponto alto da festa foi a passagem do Camisa Verde que vinha prestigiar o baile:

*[...] num dos momentos em que os corações mais pulsavam de contentamento, surgiu como por encanto um automóvel conduzindo uma orchestra com o seu estandarte, fazendo parte deste conjunto muitas moças do nosso bello sexo que entoavam o hymno do carnaval; notei que era o Cordão de Camisa Verde que vinha saudar o pessoal no Floresta. O baile, que correu sempre animado, prolongou-se até alta madrugada.*<sup>8</sup>

A animação da festa não se contrapunha ao ambiente respeitável, como indica a presença de senhoras, senhoritas e cavalheiros. Além disso, é possível verificar os investimentos financeiros do Camisa Verde, revertidos não apenas na orquestra, mas no automóvel que os conduzia pelo bairro. Já *O Clarim...*, no carnaval de 1924, convidava seus leitores a “pintar o sete”, esperando “ansiosamente que, os Grupos Barra Funda e Campos Elyseos, ganhem applausos de S. Paulo em peso, como nos anos anteriores”.<sup>9</sup> O autor transmitia, ainda, a expectativa de que outros grupos carnavalescos negros se formassem: “Quem sabe si neste anno aparecerá mais um Grupo de rapazes para *ajudarem a engrandecer os nossos?*”<sup>10</sup>

Os eventos promovidos pelos cordões extrapolavam o calendário do carnaval. A Imprensa Negra divulgava as cerimônias de posse da diretoria das organizações, como em 1927, quando o presidente anterior, Victor de Souza, fez a “apresentação analytica de um bem redigido relatório”, que foi seguida de “pomposo baile”.<sup>11</sup> Comemorava-se o

<sup>8</sup> “SOCIEDADE Barra Funda”. *A Liberdade*, São Paulo, 07/03/1920, p. 4.

<sup>9</sup> “VAMOS pintar o sete?”. *O Clarim*, São Paulo, 03/02/1924, p. 2.

<sup>10</sup> “VAMOS pintar o sete?”. *O Clarim*, São Paulo, 03/02/1924, p. 2, grifo meu.

<sup>11</sup> “C.C. BARRA Funda”. *Clarim...* São Paulo, 20/02/1927, p. 4.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aniversário da Abolição, assim como os feriados nacionais. Para celebrar o 13 de maio, em 1926, o Camisa Verde realizou um festival dançante, que contou com um “concurso de valsa”.<sup>12</sup> Na comemoração da Independência do Brasil, naquele ano, o Campos Elíseos também ofereceu uma “pomposa soirée dansante”. Na ocasião, o cordão organizou uma sessão solene que contou com a participação de inúmeras organizações negras, entre sociedades recreativas, carnavalescas e jornalísticas.<sup>13</sup> A mesma ocasião foi celebrada pelo Grupo Barra Funda através de um “chá dançante” oferecido aos sócios e convidados. O *Clarim* destacou a organização do ambiente, da orquestra e das mulheres que serviam o chá, cuja vestimenta e postura reforçavam as hierarquias de gênero por meio das quais o cordão carnavalesco concebia sua respeitabilidade:

*O chá foi servido por uma comissão composta de senhorinhas amadoras desse grupo, todas de preto com avental branco, em mesinhas apropriadas, causando um bello aspecto; em seguida, se iniciaram as contra-danças, ao som da sua bem organizada orchestra, que se prolongaram até o romper da aurora”.*<sup>14</sup>

O Camisa Verde também explorou outras linguagens artísticas. Em 1924, o grupo apresentou a peça “Uma festa na roça” em um teatro da rua da Graça, no Bom Retiro. O espetáculo mereceu uma detalhada apreciação de um jornalista do *Elite*, jornal vinculado ao *Grêmio Dramático e Literário “Elite da Liberdade”*. Avaliando as performances de músicos e atores, o autor concluía que o desempenho excedera “brilhantemente aos limites da expectativa”. Novamente, a ordem, o ambiente familiar, o sucesso obtido com a realização artística eram destacados. Segundo o crítico, o evento

*[...] marcou época no nosso meio social [...]. Durante duas horas aquella casa vibrou ao estrépido das palmas, dos risos e dos applausos. Apesar da chuva conseguiram boa casa, em cuja assistência se observava a presença das nossas melhores famílias.*<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> “G.C. da Barra Funda”. *Clarim...* São Paulo, 20/06/1926, p. 4.

<sup>13</sup> “C.C. Campos Elyseos”. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, 26/09/1926, p. 4.

<sup>14</sup> “CHÁ dançante”. *Clarim da Alvorada*. São Paulo, 26/09/1926, p. 4.

<sup>15</sup> “REGISTRO”. *Elite*, São Paulo, 02/03/1924, p.5-6, grifo meu.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os jornais indicam formas diversas de colaboração e de afinidades com os carnavalescos. O “Sr. Lorde Victor de Souza”, liderança do Grupo Barra Funda, era assinante do *Clarim da Alvorada* e lá fez publicar um “excelente fox-trot” intitulado “O teu jardim” em homenagem ao periódico.<sup>16</sup> O *Clarim da Alvorada* também incluía o Grupo Barra Funda e o Campos Elíseos na lista de associações que contribuía para sua distribuição.<sup>17</sup> O jornal felicitava e fazia votos de sucesso às agremiações carnavalescas:

*[...] sendo os carnavalescos paulistas uns dos colaboradores desta folha as suas victorias alcançadas de anno em anno com os seus incalculaveis esforços, dando mais vida ao carnaval paulista. O Clarim, com toda sinceridade applaude condignamente, os chefes que se empenharam na tarefa insana de formar ranchos, cordões e os nossos retumbantes bailes, a esses, os nossos parabéns [...].*<sup>18</sup>

Durante o carnaval de 1928, o Campos Elíseos visitou a redação do *Clarim...*, despertando “a curiosidade do povo da Bella Vista”.<sup>19</sup> O “conhecido Camisa Verde”, por sua vez, ofereceu uma peixada aos seus associados e convidou a equipe do jornal, que “por motivos imperiosos” não pode comparecer. No entanto, em seu desfile anual, sob comando de Dionísio Barbosa, este mostrara “de facto, ser um bom carnavalesco. Boa firmeza no canto e boa disciplina, muito gosto no pessoal do choro”.<sup>20</sup>

## **Carnavalescos jornalistas**

Carnavalescos também se engajaram, institucional ou pessoalmente, no jornalismo e em outras organizações e ações antirracistas. Entre elas o Centro Cívico Palmares (1926-1930) e a Frente Negra Brasileira (1931-1937).<sup>21</sup> A existência do *Nosso*

---

<sup>16</sup> “ANNIVERSÁRIOS”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, 13/05/1926, p.10; “C.C. BARRA Funda”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, 20/02/1927, p. 4.

<sup>17</sup> “BOAS FESTAS”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, 15/01/1927, p. 1. Os agradecimentos eram dirigidos a: Centro Cívico Palmares, CH José do Patrocínio, Auri-Verde; Brinco de Princezas; Campos Elyseos; Elite da Liberdade; 15 de Novembro; 28 de Setembro; 6 de Maio; 13 de Maio; Barão do Rio Branco; Eden Juvenil; Paulistano; Kosmos; Cravos Vermelhos; Princeza do Norte; União Militar; União da Mocidade; Barra Funda. O jornal não distinguia os grupos carnavalescos de outras sociedades negras.

<sup>18</sup> “ECHOS do carnaval”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, 04/03/1928, p.4.

<sup>19</sup> “ECHOS do carnaval”. *Clarim da Alvorada*, São Paulo, 04/03/1928, p.4.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> O Centro Cívico Palmares foi idealizado como uma entidade com fins educacionais. Sobre essa organização, ver Butler (1998); Carvalho (2009); Alberto (2011). Ele estava, inicialmente, sediado no Cambuci, mudando, em pouco tempo, para a rua Lavapés. A sede da FNB se situava na Liberdade.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Jornal* está indicada em um artigo d'A *Voz da Raça* de 1933 que enumerava os periódicos negros que haviam existido em São Paulo até então. Sem acesso às suas edições ou a outras informações além daquelas constantes no órgão oficial da FNB, não é possível saber se o jornal era parte das ações do grupo carnavalesco ou um investimento pessoal de Barbosa. O carnavalesco também integraria, em 1933, a comissão organizadora de uma encorpada publicação de 13 de maio intitulada *Evolução*. Esta resultava de um “esforço-uno-complexivo” de militantes negros das mais variadas “correntes” e sem visar “partidarismos”.<sup>22</sup> Nela, Dionísio Barbosa assinou um texto sobre as potências e limites das sociedades dançantes negras. Recusando que o baile fosse, em si, um fator de degradação moral, o jornalista encorajava os negros a participarem das sociedades dançantes “familiares”, imagem insistentemente associada ao Camisa Verde, como indicado acima.<sup>23</sup>

Não é possível saber se *Nosso Jornal* expressava as posições do Grupo Barra Funda. Entretanto, o órgão oficial de outro cordão carnavalesco se tornaria um dos mais importantes periódicos da história da Imprensa Negra de São Paulo. Seu fundador, Argentino Celso Wanderley, ao criar o Cordão Carnavalesco Campos Elíseos, em 1919, possuía uma trajetória de participação em organizações negras que remontavam aos primeiros anos do século XX (DOMINGUES, 2013, p. 132). O nono aniversário do cordão foi comemorado com o lançamento da primeira edição de um jornal intitulado de nada menos que *Progresso*, cujas edições circularam até pelo menos 1930. Seu redator era Lino Guedes, jornalista experiente, que já colaborara com outros periódicos negros, como *O Getulino* (1923-1926), de Campinas, e o próprio *Clarim da Alvorada*, em São Paulo. Petrônio Domingues (2013, p. 136–7) elenca uma série de ações promovidas ou apoiadas pelos Campos Elíseos nas décadas de 1920 e 1930 visando a “a elevação moral, social, cultural e intelectual dos ‘homens de cor’”. Entre elas, festivais, comemorações de 13 de maio, a campanha pela construção da herma a Luiz Gama, eventos em apoio ao *Clarim da Alvorada* e, principalmente, o jornal lançado em 1928.

Analisando as edições do *Progresso*, Kim Butler (1998, p. 107–8) aponta que o jornal teve um papel de vanguarda no debate antirracista, por exemplo, ao defender a

---

<sup>22</sup> “APRESENTANDO...”. *Evolução*. São Paulo, 13/05/1933, p. 6.

<sup>23</sup> BARBOSA, Dionísio. “A sociedade boa e a corrompida, do negro em São Paulo”. *Evolução*. São Paulo, 13/05/1933, p. 6.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

adoção do termo “negro” ao invés de “preto” ou “homem de cor”, que ainda circulavam entre militantes. Além disso, a historiadora destaca os investimentos do periódico para elevar a autoestima dos negros, bem como sua atualização com o debate antirracista internacional. A autora, no entanto, nada menciona sobre o *Progresso* estar vinculado a um cordão carnavalesco e, portanto, ter suas páginas recheadas de textos descrevendo eventos da agremiação, como bailes, piqueniques e romarias anuais a Bom Jesus de Pirapora. Esse reconhecimento seria valioso, na medida em que Butler analisa as diferentes formas de etnicidade negras, em um espectro entre “integracionismo” e “separatismo”. Segundo a autora, em São Paulo, a etnicidade predominante não seria cultural, mas racial, de que seriam expressivas instituições como a Imprensa Negra, o Centro Cívico Palmares e a Frente Negra Brasileira. As ações dos cordões carnavalescos mereceram menos reflexão em sua análise, sendo aproximadas da linhagem do “samba”, classificadas como formas de organização negra “não ativistas”. Dissociadas dos esforços por integração social, as práticas culturais foram interpretadas como herança de rituais africanos “de restauração do equilíbrio psicológico e espiritual” dos escravizados (BUTLER, 1998, p. 87).

Se, por um lado, as posições de alguns dirigentes não refletem, de forma homogênea, aquelas de todos os integrantes dos cordões, por outro, a atuação dessas organizações não pode ser completamente dissociada do conjunto de seus investimentos antirracistas. Argentino Celso Wanderley, Dionísio Barbosa e Victor de Souza são alguns carnavalescos “do início do século” que, ao invés de recusar o “progresso”, abraçaram-no, reivindicando que a coletividade de negros pudesse tanto plantar como colher suas vantagens.

Além de suas relações com a Imprensa Negra, carnavalescos negros faziam gestões junto a instituições e personalidades brancas. Assim como o Grupo Barra Funda convidou, em 1927, o *Clarim...* para um evento festivo, ele também convidou um representante d’A *Gazeta* para a um de seus ensaios, no salão da rua Lopes Chaves. O jornalista publicou um registro entusiasmado de sua visita:

*O tradicional Grupo que sempre mereceu as palmas com que todos os anos o galardoa, o povo barrafundense, neste Carnaval está afiadíssimo e, si o seu velho rival, o Campos Elyseos, não apressar o passo... passa*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*sem prestígio nem palmas... O Argentino [Celso Wanderley] e os seus  
que tomem cuidado...<sup>24</sup>*

Desde os anos 1910, as colunas sociais de jornais cotidianos, como o *Correio...* e *A Gazeta*, entre outros, anunciavam e comentavam as programações carnavalescas da cidade, mais volumosas a cada ano. Entre essas, bailes em clubes e sociedades recreativas, os corsos pelas ruas da cidade e desfiles no triângulo central, patrocinados por associações comerciais. O carnaval, que não se coadunava com a narrativa hegemônica sobre a “cidade do trabalho”, não seria suficiente para que seus realizadores negros fossem reconhecidos pela imprensa branca entre os artífices do progresso. Contudo, a inclusão de das atividades do Barra Funda e do Campos Elíseos na agenda de festas da cidade e, em especial, os aplausos registrados n’ *A Gazeta* eram resultado dos investimentos do grupo por um reconhecimento social amplo, que renderam frutos.<sup>25</sup>

## **Carnaval à paulista**

O carnaval também dava margem a sentimentos ambivalentes na Imprensa Negra. O *Clarim...* incitava seus leitores a “cair na folia” como um momento excepcional, um breve período de licenciosidade permitida antes da retomada da normalidade sisuda, a partir da Quarta-feira de Cinzas.<sup>26</sup> No jornal negro, os registros sobre a festividade era não se desviavam da agenda de suas lutas antirracistas. Ao mesmo tempo em que felicitava os carnavalescos negros pelo sucesso em sua “tarefa insana” e celebrava entusiasmado os dias de reinado de Momo, um jornalista alertava para o que viria depois:

*Evohé! Evohé! Saparia: antes que se aproxime o dia do juízo final,  
pinchemos fora as neurasthenicas enervaçãoes psychiatricas, as  
pyramides pontadas encephalicamente eraneanas e vamos farrear...  
Olvidemos o sorumbaticismo calhambetico e urucubaquisante [...];*

---

<sup>24</sup> “CORDÃO Camisa Verde”. *A Gazeta*. São Paulo, 21/02/1927, p. 5.

<sup>25</sup> *A Gazeta* organizava concursos de cordões e divulgava o nome das agremiações participantes e vencedoras. É provável que, já então, os cordões da Barra Funda participassem desses eventos. Segundo Dionísio Barbosa, Casper Líbero, que se tornaria proprietário do vespertino *A Gazeta* em 1918, teria sido o responsável pela alcunha de “Camisa Verde” atribuída ao Grupo Barra Funda (BARBOSA, 1976, 29’41’’).

<sup>26</sup> Isso não era uma exclusividade do jornalismo negro paulistano, contudo. Sobre a percepção de cronistas d’*O Estado...* sobre o carnaval de 1919, ver Sevckenko (1992, p. 25–7).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Lembra-te, homem, que de quarta-feira em diante, em pleno período quaresmal do reinado do imperador Bacalhau, arrependido de asneira grossa que fizeste, crivado de dívidas e com os bolsos entysicados, sem um misero nicolau de cem voltarás ás insignificantes e reduzidas condições de um simplicimo mortal que, cedo ou tarde, baterá com o rabo na cerca.... Meu cabello tá cheio de poera!... Mas... assim mesmo eu vou me perder.... Depois de quarta-feira veremos que bicho dá, depois de quarta-feira a escripta é outra [...] que bom senso tem de 72 horas de alforria.<sup>27</sup>*

Findas as 72 horas de libertinagem, já “em pleno período quaresmal”, adentrava-se uma “nova phase de uma nova vida” e todos lembravam-se de seus “outros afazeres”. Os jornalistas do *Clarim...* estavam prontos para “[...] afrontar as luctas que se nos ocorrem, dependendo condiganamente o nosso programma já traçado [...]. Contudo, a despeito dos rumores de que o carnaval de São Paulo estava “morrendo, e que o paulista [era] mais trabalhador que carnavalesco, os foliões sahiram e a causa de Momo foi ganha”.<sup>28</sup>

O carnaval, com suas ambiguidades, não desviava jornalistas e carnavalescos nem de suas lutas, nem de sua identidade trabalhadora, em consonância com os valores afirmados pelos demais “paulistas”. Nesse sentido, a festa transformava-se, também, em uma arena de disputas regionais, em duas direções opostas. Por um lado, descrevia-se a beleza do carnaval paulistano a despeito da “frieza reinante na nossa Paulicéa”.<sup>29</sup> Por outro, apenas no Rio de Janeiro estava “toda a alegria do brasileiro folgazão e patusco”. Em São Paulo, pensava-se mais no “Dever e Haver”.<sup>30</sup> Não apenas os jornalistas, mas também carnavalescos negros reforçariam seu compromisso com o trabalho. Nos anos 1970, Dionísio Barbosa enfatizaria, em sua entrevista ao MIS-SP, que, no tempo em que ele dirigia o Grupo Barra Funda, o trabalho não era incompatível com as festas de Momo: “em São Paulo ninguém nunca perdeu uma segunda-feira por causa de

---

<sup>27</sup> “É HOJE o dia”. *O Clarim*. São Paulo, 03/02/1924, p. 1.

<sup>28</sup> “ECHOS do carnaval”. *Clarim...* São Paulo, 04/03/1928, p. 4.

<sup>29</sup> “STÁ NA Hora!”. *Clarim...* São Paulo, 1928, p. 1

<sup>30</sup> “BUM, BUM, BUM! O Zé Pereira!” *Clarim...* São Paulo, 03/02/1929, p. 3.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

carnaval”.<sup>31</sup>Ao mesmo tempo, o carnaval era um mote para que jornalistas compartilhassem suas frustrações na arena de suas lutas antirracistas, com algo de ironia e amargura:

*Abram Alas! - O Clarim, também é carnavalesco, porque as questões raciais que até aqui temos tratado, não passam de uma simples imitação do carnaval, a diferença está somente nos mascarados, e nas phantasias de nossas campanhas de aperfeiçoamentos que não passam de um inqualificável... nada. Batalhadores de minha raça, atirem agora mesmo para longe as vossas idealidades, e abram alas para o deus Bacho passar, com seu cortejo triunfante. Esqueçamos por alguns momentos dessa sagrada emissão, para cahirmos nesses turumbambas paulistanescos que se hão de ferir em todos os cantos e recantos dessa formosa e gloriosa paulicéa”.*<sup>32</sup>

### Considerações Finais

Os registros da Imprensa Negra permitem sugerir que os cordões negros da Barra Funda, assim como o time de futebol São Geraldo eram espaços de construção de laços de solidariedade. Esses laços se estendiam, também, para outras formas de organização negra consideradas por pesquisadores como mais “políticas”, como a Imprensa Negra. Existiram divergências entre organizações e no interior de cada uma delas. Contudo, como bem expressa o “esforço uno-complexivo” que resultaria na publicação de *Evolução*, em 1933, havia, também, união em torno de um objetivo comum, que não era resistir à modernidade, mas participar de todas as esferas da vida social em pé de igualdade com os brancos. As diferentes aspirações dos negros da Barra Funda não se explicam pelo caráter “cultural” ou “político” por meio do qual eles agenciaram a negritude. A documentação consultada indica que as organizações carnavalescas criadas nos anos 1910 enfrentaram, não apenas como, mas junto com os jornais negros criados a partir de então, os estigmas, a discriminação e as desigualdades raciais. Suas ações se inscrevem, assim, nos esforços por colher os frutos do Progresso,

---

<sup>31</sup> BARBOSA, Dionísio. *Entrevista a José Ramos Tinhorão*. São Paulo, MIS-SP, 1976, 47’13”.

<sup>32</sup> K. MELÃO, Lord. “Abram Alas!”. *Clarim...* São Paulo, 20/02/1927, p. 4.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da Indústria, das Ciências e das Artes que a cidade “moderna” prometia a todos, mas guardava para poucos.

## Referências

- ALBERTO, Paulina L. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.
- ANDREWS, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo Brazil 1888-1988*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.
- BARBOSA, Dionísio. *Entrevista a José Ramos Tinhorão (partes 1 a 5). Coleção Carnaval Paulistano - MIS-SP*, 1976. Disponível em: <http://acervo.mis-sp.org.br/>.
- BASTIDE, Roger. “A imprensa negra do Estado de São Paulo”. *Boletim CXXI. Sociologia* n. 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª. Série, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo - Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008.
- BRITTO, Iêda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930) um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.
- BUTLER, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições SESC, 2019.
- DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2008.
- DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. *Tempo*. Niterói, v. 19, n. 35, p. 117–142, 2013. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173508eng.
- DOMINGUES, Petrônio. “O esporte da raça”: o futebol no meio afro-paulista. In: BARONE, Ana Cláudia Castilho; RIOS, Flavia (org.). *Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)*. 1. ed. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018. p. 277–304.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5. ed. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). *África*, [S. l.], v. 0, n. 6, p. 167–168, 1983. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i6p167-168. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/90881>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- PINTO, Regina Pahim. *O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: UEGP/FCC, 2013.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista : Brasil 1890-1930*. 4. ed. rev ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Os sub urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo 1900-1930. Cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, Campinas, 1990.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Carnaval em branco e negro carnaval popular paulistano, 1914-1988*. Campinas: Editora UNICAMP/ EDUSP/ Imprensa Oficial, 2007.